

ANSIEDADE NA ARGENTINA

Pedro Paulo Rezende
Da equipe do **Correio**

Uma das primeiras visitas que o ministro da Fazenda, Pedro Malan, receberá assim que voltar de Washington, no fim da semana, será do secretário de Relações Econômicas Internacionais argentino, Jorge Campbell. Nossa maior parceiro no Mercosul quer saber em detalhes como funcionará a nova política cambial brasileira.

"Obviamente, os argentinos são nossos parceiros mais ansiosos", reconhece uma fonte do Itamaraty, lembrando que o Brasil representa 30% do mercado externo do país. "Lá, existe uma forte manifestação de segmentos preocupados com a nova política cambial, que temem o desemprego a partir de uma redução das exportações para o nosso país."

Os representantes das sociedades empresariais mais expressivas da Argentina se reuniram a portas fechadas ontem em Buenos Aires para estabelecer uma agenda de reivindicações. No final de semana, foram freqüentes os rumores de que as autoridades argentinas iriam impor medidas restritivas aos produtos brasileiros, para contrabalançar a desvalorização do real. Mas, segundo um funcionário da Chancelaria do país vizinho, não há margem legal para tanto.

"O Acordo de Assunção que criou o Mercosul não prevê nenhuma medida de proteção", ressalta. "Estamos numa zona plena de livre comércio e não há previsão legal de mecanismos como o estabelecimento de cotas. Mas, quando assinamos o tratado, havia uma situação de estabilidade da moeda e das normas macroeconómicas. Não houve qualquer previsão a respeito de uma desvalorização. Para funcionar, uma zona de livre comércio precisa de regras claras e estáveis e, com o câmbio do real livre, houve uma mudança."

CEGOS

Não é verdade, diplomatas dos dois países estão se sentindo como cegos em tiroteio e são unâmes num ponto: ainda é cedo para se analisar os efeitos da desvalorização do real no Mercosul, inclusive no que diz respeito às exportações argentinas. Lembram, por exemplo, do alto grau de integração que surgiu entre as grandes empresas dos dois países.

106

"Não somos parceiros comuns", disse o diplomata argentino. "Nos últimos anos, o intercâmbio comercial ocorreu de maneira tão intensa que hoje existe uma dependência entre as maiores empresas dos dois países. Uma medida de proteção favorável a um setor da economia pode trazer graves problemas para outro. É hora de calma. Antes de decidir o que fazer, precisamos esperar os efeitos da nova política cambial do Brasil."

No Itamaraty espera-se, "em tese", uma queda nas exportações dos parceiros do Mercosul para o Brasil e uma melhoria da competitividade dos produtos nacionais no exterior. Mesmo assim, ainda é cedo para se fazer uma avaliação. "Só conseguiremos ter um quadro concreto em 30 ou 40 dias", afirmou um diplomata.

COMPETITIVIDADE

Segundo os analistas econômicos do Ministério das Relações Exteriores (MRE) brasileiro, só depois desse prazo, que coincide com o término da maioria dos contratos atuais de importação e exportação, será possível saber se o grau de competitividade de nossos produtos cresceu, alterando a balança comercial entre Brasil e Argentina.

"Há uma série de variáveis que precisam ser levadas em conta, como a qualidade", disse um técnico do MRE. "Será que uma dona-de-casa, acostumada a um produto argentino irá trocá-lo porque ficou mais caro? Temos ainda que lembrar o alto grau de competitividade de vários setores da economia argentina, como a agricultura, que oferece uma concorrência difícil mesmo com uma desvalorização do real em torno de 20%."

"Existe muita margem de manobra e área de acomodação nas relações comerciais com nossos parceiros no Mercosul", acrescenta um diplomata. "O presidente uruguai, Jorge María Sanguinetti, já se manifestou nesse sentido, dizendo que a nova política cambial brasileira não trará efeitos danosos à economia de seu país."

Por último, o Itamaraty faz questão de destacar a solidariedade do governo argentino. "O presidente Carlos Menem determinou que todos os representantes argentinos nos organismos internacionais votem a favor da posição brasileira".

Douglas Engle/Associated Press



Menem, solidário a Fernando Henrique, determinou que todos os representantes argentinos nos organismos internacionais votem a favor da posição brasileira